

## UMA ANÁLISE SOBRE O REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL COMO RECURSO INFORMACIONAL DE ACESSO ABERTO

**Resumo:** Os Repositórios Institucionais (RI) representam uma solução para o problema de disponibilização da produção institucional por meio do acesso livre, sendo uma forma de armazenamento de materiais digitais, que podem ser teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, recursos educacionais abertos, artigos e outros tipos de textos acadêmicos, com capacidade de manter e gerenciar arquivos, por longos períodos de tempo, e prover o acesso apropriado. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo entender como os pesquisadores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) se relacionam com o repositório institucional, como um serviço informacional, buscando identificar os hábitos e comportamento informacional no momento da pesquisa e o conhecimento que esses participantes têm fundamentado sobre os RI e o seu funcionamento. A metodologia adotada foi o estudo de caso exploratório. Além disso, realizou-se um grupo de foco com docentes que coordenam a pós-graduação *Stricto Sensu*, no Campus Londrina, com o objetivo preliminar de levantar dados para elaborar um questionário, aplicado em segunda fase do estudo, direcionado aos docentes permanentes da pós-graduação *Stricto Sensu* dos 13 campus da UTFPR. A partir deste estudo, identificamos hábitos e comportamentos informacionais no momento da pesquisa e o conhecimento dos participantes sobre os RI e funcionamento destes sistemas, além de contribuir com gestores e bibliotecários sobre como atrair os pesquisadores para uma nova forma de utilizar os RI, não apenas como um local para guarda da sua produção científica.

**Palavras-Chave:** Serviços Informacionais. Comportamento Informacional. Acesso livre. Repositórios Institucionais. Informação Científica.

**Sandra Gomes de Oliveira Reis**

Doutoranda em Ciência da  
Informação na Universidade  
Estadual de Londrina – UEL.  
sandrareismga@gmail.com

**Thais Batista Zaninelli**

Pós Doutora em Ciência da  
Informação pela Universidade  
Estadual de Londrina – UEL.  
thais.zaninelli.uel@gmail.com

## AN ANALYSIS ABOUT THE INSTITUTIONAL REPOSITORY AS AN OPEN ACCESS INFORMATIONAL RESOURCE

**Abstract:** Institutional Repositories (IR) represent a solution to the problem of providing institutional production available through free access, being a way of storing digital materials, as theses, dissertations, coursework, open educational resources, papers and other kinds of academic texts, with the ability to maintain and manage files, for long periods of time, and to provide appropriate access. In this context,

this study aims to understand how researchers from the Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) relate to the institutional repository, as an information service, seeking to identify the informational habits and behavior at the time of the research and the knowledge that these participants have supported RI and how it works. The adopted methodology was an exploratory case study. In addition, a focus group was held with professors who coordinate the Stricto Sensu graduate program, at Londrina Campus, with the preliminary objective of collecting data to prepare a questionnaire, applied in the second phase of the study, aimed at the permanent professors of the postgraduate program. Stricto Sensu graduation from the 13 UTFPR campuses. From this study, we identified informational habits and behaviors at the time of the research and the participants' knowledge about the IRs and the functioning of these systems, in addition to contributing with managers and librarians on how to attract researchers to a new way of using the IRs, not only as a place to keep their scientific production.

Keywords: Information Services. Informational Behavior. Free access. Institutional Repositories. Scientific Information.

## 1 INTRODUÇÃO

O repositório digital é uma forma de armazenar objetos digitais e tem a capacidade de manter esse material por longos períodos e prover o seu acesso. Podemos encontrar alguns tipos de repositórios digitais como temáticos e institucionais. Os Repositórios Institucionais (RI) “[...] são entendidos hoje como elementos de uma rede ou infraestrutura informacional de um país ou de um domínio institucional, destinados a garantir a guarda, preservação em longo prazo e, fundamentalmente, o livre acesso à produção científica de uma dada instituição” (MARCONDES; SAYÃO, 2009, p. 9).

A maximização do impacto de resultados de pesquisas por meio do aumento do acesso a eles constitui a missão maior do Acesso Aberto, que encontra nos RI uma de suas principais estratégias. Por meio do gerenciamento de processos do ciclo da informação em ambiente digital e em sintonia com reais necessidades das comunidades científicas, os RI contribuem para a melhoria do sistema de comunicação da ciência, o que, por sua vez, influencia positivamente no avanço científico. Portanto, no momento em que as universidades e os institutos de pesquisa se empenham na construção de repositórios institucionais de acesso aberto, devem fazê-lo considerando o cenário que os cerca (LEITE, 2012).

Os RI representam uma alternativa para a dificuldade de disponibilização da produção institucional por meio do acesso livre, porém, a falta de um processo formal de gestão, que vai desde o seu planejamento, implantação e avaliação, levanta questões de ordem tecnológica, prática e política, bem como a discussão sobre os custos da comunicação científica e a cultura e

política de informação adotadas pelas instituições. E essa solução está atrelada à forma como o pesquisador busca e usa a informação científica, por isso, há uma necessidade de entender o Comportamento Informacional dos seus usuários e assim conseguir traçar estratégias para o uso do RI.

Dessa forma, o comportamento informacional humano é um processo que abrange várias ações em relação à informação e aos elementos que influenciam tais ações. Essas ações resultam num conjunto de compreensões que procura identificar a conduta informacional humana. Portanto, o comportamento informacional é resultado das interações entre os indivíduos, as várias formas de dados, informação e conhecimento que estão sob o rótulo da informação, assim como os diversos contextos nos quais eles interagem (TODD, 2003).

O ato de buscar, recuperar, organizar e usar a informação é inerente à conduta humana para a resolução de problemas, bem como para o desenvolvimento da vida em sociedade. Nesse sentido, a área da Ciência da Informação (CI), historicamente, desenvolve pesquisas que têm como escopo a investigação da busca, recuperação e uso da informação, uma vez que a CI possui no seu bojo o objetivo de estudar a gênese, a transformação e a utilização da informação (SARACEVIC, 1996).

Neste contexto, este estudo teve por finalidade refletir sobre uma temática recorrente no universo das universidades que é a criação dos Repositórios Institucionais, sempre com o objetivo de mostrar tanto para a comunidade acadêmica quanto para os gestores como os RI podem ser usados não só como guarda do conhecimento científico gerado, mas também como um serviço informacional para divulgação, busca e uso desse conhecimento.

Diante disso, acreditamos que caracterizar e definir o comportamento informacional de pesquisadores, a princípio, vai permitir entender, de forma concreta, de que modo as mudanças na utilização dessas tecnologias interferiram no processo de busca, acesso e uso da informação científica. Isso vai possibilitar identificar de que maneira os pesquisadores agem quando buscam as informações científicas e acessam os RI. Os resultados apresentados trarão esclarecimentos sobre o nível de aceitação dos repositórios digitais por esta comunidade, contribuindo para sua desmistificação junto aos docentes, além de permitir uma visualização mais clara de como eles entendem e interagem com o RI.

## **2 SERVIÇOS INFORMACIONAIS**

Os Serviços de Informação, mesmo que intitulados de outra maneira, já existiam motivados pelo aparecimento de novas formas de comunicação e de novos suportes para a informação (MALHEIRO; RIBEIRO 2011). Entretanto, em meados do século XIX, destacamos o papel crucial dos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine que conduziram e fundamentaram uma nova área de trabalho e de estudo, que seria a documentação, e, em consonância com essa área, despontaram os serviços de informação.

As transformações das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no pós-Segunda Guerra Mundial, e as relações tanto políticas e sociais quanto econômicas, nesse período, revelaram-se bem profícuas e, nesse âmbito, a tecnologia se destaca com a utilização da internet, que passou a influenciar de forma direta o comportamento da sociedade, por proporcionar o acesso fácil e rápido a documentos e informações que geograficamente estariam distantes ou com alguma barreira linguística, política ou religiosa (BORBA; COSTA; MARTINS, 2006).

Esse período também ficou conhecido como a época da explosão da informação e mudanças profundas ocorreram nos serviços, técnicas e difusão da informação (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011). Devemos destacar que, após esse período, as Instituições de Ensino Superior (IES) auxiliaram esse crescimento, pois a geração e a disseminação da informação têm sido realizadas principalmente nesse espaço, por meio de um dos principais pilares da missão universitária, a pesquisa científica e tecnológica. Assim, nesse ambiente, os serviços de informação são criados, estudados e compartilhados de uma forma constante. A universidade é um espaço que, para Rodrigues, Lima e Garcia (1998, p. 153), pode ser definido como de promoção do

[...] cultivo da pluralidade do pensamento e, por consequência, das formas de abordagem e interpretação da realidade. É papel da universidade, também, permitir a análise dos mais diferentes objetos de estudo. À universidade seria permitido, portanto, colocar tudo em questão.

Esse é o ambiente em que os serviços informacionais estão enraizados e que Duarte e colaboradores (2015) definem como a interação de um profissional – na visão dos autores esse profissional está na biblioteca – com a missão de atender ao usuário e dar uma direção para os recursos de informações de que ele necessita. Trata-se de atender a determinada demanda, ou

seja, procurar satisfazer aos interesses de informação do usuário na temática que ele procura na unidade de informação. Então, um dos papéis dos serviços informacionais é disponibilizar recursos informacionais que contribuam para o desenvolvimento desse usuário.

E quais características um serviço de informação possui? Segundo Dholakia, Mundorf e Dholakia (1997), as características de Intangibilidade, volatilidade, uso intensivo de tecnologias e prestação de serviços interorganizacionais são partilhadas com outras classes de serviços. Nesse sentido, suas características únicas são: serviços em rede, interatividade entre usuários e os bancos de informação e o caráter externo da rede. Essas características únicas dos serviços de informação podem facilitar ou dificultar a utilização dos mesmos.

Os serviços de informação fornecidos, segundo Malheiro e Ribeiro (2011, p. 115-116), são: Indexação; Classificação e arrumação sistemática; Serviço de informações correntes; Serviço de referência; Análise da informação; Serviço de esclarecimento; Técnica de indexação permitindo relacionar assuntos; Serviço de tradução; Serviços de publicações; Seleção e apresentação de informação sob nova forma, de acordo com as necessidades dos utilizadores; Avaliação de informação; Serviço de empréstimo em outros organismos; Serviço de reprodução de documentos; Relatórios sobre o “estado da arte” de uma dada questão; Serviço de resumo e condensação e Publicidade.

É importante ressaltar que esses serviços sofreram mudanças por causa dos contextos sociais e tecnológicos desta nova era digital. Porém, não só esses serviços mudaram, mas também o comportamento do usuário dessa informação, pois muito do que é produzido é facilmente acessado diretamente por eles e, muitas vezes, sem o intermédio de um profissional da informação. Essas mudanças são claramente vistas nas criações de bibliotecas digitais, arquivos digitais e repositórios digitais (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011).

Os serviços de informação contemplam essa nova sociedade em rede que se estabelece atualmente, por isso, a necessidade do profissional da informação buscar formas de aperfeiçoar a relação desse mundo com seus usuários. Dessa maneira, a representação da informação vem contribuir de uma forma significativa com os serviços de informação e com o comportamento informacional dos seus usuários.

## **2.1 Repositórios Digitais – Caracterização**

Segundo Crow (2002b apud LEITE, 2009, p. 20), as características que definem com clareza um RI relacionam-se a serem Institucionalmente definidos; Científicos ou academicamente orientados; Cumulativos e perpétuos (permanentes); Abertos e interoperáveis; Não efêmeros: conteúdos em texto completo e em formatos digitais prontos para a disseminação e com foco na comunidade.

Muitos benefícios são destacados por Leite (2009) para as instituições que aderem ao uso de RI como a melhoria da comunicação científica interna e externa; aumento da acessibilidade, uso, visibilidade e impacto da produção científica; retroalimentar a atividade de pesquisa científica e apoiar os processos de ensino e aprendizagem; apoio nas publicações científicas eletrônicas; preservação dos conteúdos digitais científicos ou acadêmicos produzidos; aumento do prestígio da instituição e do pesquisador; oferecer subsídios para a avaliação e monitoramento da produção científica; reunir, armazenar, organizar, recuperar e disseminar a produção científica. Destacamos que esses benefícios se estendem para sua comunidade científica como um todo.

No âmbito das Instituições de Educação Superior, o RI é um elemento de grande importância para o desenvolvimento de suas bibliotecas, como estratégia de informação que abrange e integra-se com o ensino virtual, serviços de registro e arquivo, sistemas de gestão da informação e redes de comunicações. Há benefícios reais para estas instituições que podem desenvolver estratégias de informação eficazes e explorar sistemas para este fim. Com essa visão, os repositórios ajudam as instituições a desenvolverem métodos em sintonia que visam a utilização e recuperação de suas coleções intelectuais e assim podem estimular uma mudança cultural no ensino e na aprendizagem (BUSTOS-GONZALEZ; FERNANDEZ-PORCEL; JOHNSON, 2007). Desse modo, ao estruturar um RI, é necessário manter esses benefícios em mente para alcançar esses objetivos.

As bibliotecas nas instituições são, na maioria das vezes, compiladoras da criação de conhecimento e têm a habilidade de recopilar, organizar, preservar e compartilhar informação, oferecendo, assim, um serviço de informação cruzada. Embora a biblioteca não deva ser o único departamento da instituição a envolver-se no desenvolvimento do repositório, mesmo assim, desempenha grande liderança no desenvolvimento do trabalho em colaboração com os departamentos acadêmicos e os serviços de informação tecnológica, demonstrando que a criação de um repositório é uma atividade em equipe. (BUSTOS-GONZALEZ; FERNANDEZ-PORCEL; JOHNSON, 2007).

Segundo Vicentini (2006), para a implementação dos repositórios são definidos como principais elementos os seguintes itens: coleção ou conteúdo, equipe multidisciplinar e capacitada para o trabalho, padronização (metadados), tecnologia incluindo *hardware* e *software* (livre ou proprietário), flexibilidade para desenvolvimento e adaptação, facilidade de gerenciamento da coleção digital, linguagem de programação, utilização de protocolos de comunicação para importação e exportação de dados, digitalização, garantia de direito autoral e preservação do documento digital.

A implantação de um RI, conforme já apontamos, é uma tarefa que demanda um trabalho de equipe, pois a definição das ferramentas e *software* que serão utilizados requer planejamento e trabalho conjunto de analistas, bibliotecários e a gestão da instituição. Há inúmeras alternativas de pacotes de *software* livre disponíveis na *web*, havendo a necessidade de adequar a infraestrutura de tecnologia da informação da instituição para hospedar o repositório e também formar uma equipe comprometida com essa implantação.

Alguns dos *softwares* utilizados para repositórios são os seguintes: *iTor*, *MyCoRe*, o Archimene, *CDSWare*, Fedora (*Flexible Extensive Digital Object and Repository Architecture*), ARNO, Diva, *Eprints* (desenvolvido pela Universidade de Southampton - Inglaterra) e o DSpace (desenvolvido pelo *Massachusetts Institute of Technology - MIT* e pela *Hewlett-Packard - HP*), sendo que estas duas últimas ferramentas são as que possuem maior registro de repositórios implantados (TORINO, 2010).

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) orientou estudos para a tradução dos *softwares* DSpace e *Eprints* para a língua portuguesa e passou a ofertar pacotes e suporte técnico para a instalação e uso dos mesmos (LEITE, 2009). Ademais, estudos desenvolvidos por Viana, Márdero-Arellano e Shintaku (2004) constatam que o *software* que melhor representa hoje a estrutura para implantação de repositórios institucionais é o DSpace.

A utilização de repositórios com o intuito de reunir o conhecimento gerado por uma instituição, buscando organizar, preservar e compartilhar esse conhecimento, oferecendo, assim, um serviço de informação aos seus usuários, também se coloca frente ao comportamento informacional que esses indivíduos têm na sua utilização. Na seção seguinte, buscaremos compreender esse comportamento informacional para entender a interferência que há no uso do repositório.

### 3 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Comportamento Informacional, para Davenport (1998, p. 111), “se refere ao modo como os indivíduos lidam com a informação. Inclui a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo e até mesmo o ato de ignorar os informes”. De acordo com o mesmo autor, o tema é estudado com o objetivo de aprimorar a disseminação do conhecimento organizacional.

Assim, podemos dizer que se referem às atividades que uma pessoa desenvolve em busca de informações, usando-as ou transferindo-as, a fim também de identificar suas próprias necessidades de informação. Estudos sobre o Comportamento Informacional se iniciaram após a década de 1940, devido a dois eventos importantes: (1) a Conferência de Informação Científica da Sociedade Real, em 1948, no Reino Unido, e (2) a Conferência Internacional de Informação Científica, em 1958, nos Estados Unidos, chamando a atenção para a importância dos estudos das necessidades dos usuários (GASQUE; COSTA, 2010).

Conforme ressalta Wilson (1999), os estudos de Comportamento Informacional surgiram, em 1948, na Conferência de Informação Científica da Royal Society, na qual foram apresentadas pesquisas e também uma série de artigos de cientistas e tecnólogos com essa temática.

O estudo do Comportamento Informacional também pode ser identificado como estudo de usuário, pois são estudos que levantam como e para qual fim o indivíduo necessita da informação que procura (FIGUEIREDO, 1994). Esse comportamento de busca de informação como resultado do reconhecimento de alguma necessidade, ou seja, o indivíduo verifica que a informação a qual possui não corresponde ao que precisa e, então, busca uma forma de satisfazer tal necessidade, é uma definição usada por Wilson (1981).

O Comportamento Informacional está ligado à necessidade de informação, mas não se trata de uma necessidade primária e sim secundária, surgindo a partir das necessidades de um tipo mais básico no esforço para descobrir informações que o satisfaçam, mesmo que para isso o indivíduo se encontre diante de barreiras de diferentes tipos.

Choo (2003) também ressalta que as necessidades de informação não surgem já elaboradas e prontas para o uso e sim vão sendo definidas e clarificadas durante um tempo. A busca pela pesquisa em torno do Comportamento Informacional, seja com uma visão da gestão organizacional ou com uma visão social, busca ajudar o indivíduo a entender o seu Comportamento Informacional, gerando um crescimento pessoal.

Nesse contexto, podemos dizer, então, que o homem busca formas de se apropriar e de compreender a dinâmica do conhecimento humano, na tentativa de se apropriar dos elementos informacionais existentes nas estruturas e processos mentais que compõem o conhecimento individual, para socializá-lo (LIMA; ALVARES, 2012, p. 21).

Isso se justifica uma vez que a informação é um produto de extrema importância para a humanidade, tanto que Kobashi e Tálamo (2003) veem a informação como um alimento e que sua falta provoca a fome, a falta da informação provoca a ausência do conhecimento. O que vemos é que a informação assume um papel fundamental na vida das pessoas, tanto na esfera privada como na pública, por isso, há uma necessidade do homem em organizá-la, agrupá-la e disseminá-la com eficiência.

Assim, a forma como o indivíduo se comporta ante a uma informação interfere na sua decisão não só de busca como também de uso, por isso, os serviços de informação têm procurado permanentemente formas de identificar e auxiliar esse indivíduo nessa busca. Além de tentar compreender a forma como o indivíduo executa a seleção dessa informação ao utilizar o pensamento racional, empírico e histórico para fazer essa sua seleção e/ou busca da informação. As fontes de informações selecionadas pelos produtores seguem um critério específico de domínio, porém, sua seleção é guiada por suposições epistemológicas (HJORLAND, 1997).

O comportamento de busca de informação encaminha os atos do indivíduo a fim de localizar o que procuram. Para tanto, é necessário a execução de várias atividades que, para Wilson (1999, p. 49, tradução nossa), podem ser classificadas da seguinte forma:

- Comportamento informacional (*Information Behavior*): é a totalidade do comportamento humano em relação aos canais e fontes de informação, incluindo tanto a busca da informação passiva quanto ativa e o uso da informação.
- Comportamento de busca informacional (*Information Seeking Behavior*): é a busca intencional por informação como consequência da necessidade de satisfazer algum objetivo. No andamento da busca, há a interação do indivíduo com os sistemas e recursos de informação manuais ou digitais.
- Comportamento de recuperação informacional (*Information Search Behavior*): esse é o comportamento empregado pelo pesquisador na interação com os sistemas e recursos de todos os tipos. Ao adotar uma estratégia de busca *booleana* ou determinando os critérios

para decidir qual dos dois livros selecionados é o mais útil ou uso do *mouse* e *click* em *links* no momento dessa busca, também atos mentais, tais como julgar a importância dos dados ou informação recuperados.

- Comportamento de uso informacional (*Information Use Behavior*): consiste nos atos mentais e físicos envolvidos na incorporação da informação encontrada dentro da base de conhecimento existente da pessoa. Pode envolver, portanto, atos físicos, tais como marcar seções em um texto para anotar sua importância ou significado, bem como atos mentais que envolvam, por exemplo, comparação de novas informações com conhecimento existente.

O resultado do reconhecimento de uma necessidade não satisfeita se reflete no comportamento de busca da informação que o indivíduo tem. Esse sentimento, estudado pela pesquisadora norte-americana Carol Collier Kuhlthau e sistematizado através do modelo de comportamento chamado de Information Search Process (ISP), em 1991, definiu padrões dessa busca por satisfazer uma necessidade. (CRESPO; CAREGNATO, 2006).

Nessa mesma linha, Crespo e Caregnato (2006) destacam que esse modelo de comportamento de busca e uso da informação foi desenvolvido centrado no indivíduo, levando em consideração os sentimentos, pensamentos e ações que ocorrem durante o processo e formado por um conjunto de seis etapas sequenciais:

- 1. Início:** Momento de incerteza, em que não sabemos o que realmente queremos;
- 2. Seleção:** Selecionamos o que queremos buscar, aqui surge um otimismo;
- 3. Exploração:** Sentimentos de incerteza, confusão e ansiedade permeiam este momento, pois a informação encontrada pode atender ou não a sua demanda;
- 4. Formulação:** O indivíduo tem mais clareza do que realmente quer e, nesta etapa, as informações encontradas vão definindo-se no que é relevante ou não;
- 5. Coleta:** A confiança vai aumentando, pois o indivíduo adquire mais habilidade no uso dos recursos informacionais, atingindo seus objetivos;
- 6. Apresentação:** Aqui é permeado pelo sentimento de satisfação ou frustração por ter concluído a busca e apresentado os seus resultados aos seus pares.

Diante do exposto, entender o comportamento informacional e a utilização dos serviços de informação, com intuito de agregar valor à informação obtida pelos pesquisadores e que vão além da necessidade econômica, também é importante, mas não deve ser a única vertente a ser abordada. O Comportamento Informacional e os repositórios institucionais unem forças com o propósito de identificar, utilizar e transformar a informação científica, que permeia o fazer diário dos pesquisadores. Na seção seguinte, abordaremos o significado dessa informação científica.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa foi realizada, no segundo semestre de 2016, como uma das etapas para elaboração da dissertação da primeira pesquisadora. Caracteriza-se como exploratória, de natureza qualitativa, em que se realizou um Grupo de Foco como método de coleta de dados. O grupo de foco foi constituído pelos coordenadores e vice-coordenadores dos cinco programas de pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Londrina. O convite, primeiramente, foi via correio eletrônico direcionado aos dez participantes selecionados para o grupo de foco. Desses participantes, seis confirmaram e, no dia, cinco compareceram.

Utilizamos gravadores para o registro do áudio e também gravamos pelo *notebook* e celular, com objetivo de evitar a perda de alguma informação importante. Seguimos um roteiro com perguntas que foram elaboradas em consonância com os objetivos que pretendíamos alcançar.

Esses dados foram transcritos utilizando-se o programa *Express Scribe Transcription Software Pro*, que possui o recurso de controle da velocidade da voz e, por isso, facilita o momento de ouvir cada resposta e transcrevê-la. Os participantes desse grupo de foco foram identificados com as abreviaturas P1, P2, P3, P4 e P5 com o intuito de preservar a sua imagem.

Com essa análise, estabeleceremos categorias e subcategorias relacionadas aos objetivos da pesquisa, que foram: Comportamento Informacional (DAVENPORT, 1998; TODD, 2003), Recursos Informacionais (BRASCHER, 2007; P1), Repositórios Digitais (LEITE, 2012, 2009) e Acesso Livre à Informação Científica (BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE, 2001). Como mencionado, essas categorias foram extraídas também dos objetivos dessa pesquisa e tornaram-se o fio condutor tanto da discussão entre os participantes como também para a identificação das

subcategorias. Assim, após inferências, que, para Valentim (2005), tem o objetivo de extrair questões relevantes dentro do conteúdo transcrito, em seguida, foram interpretados esses dados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há uma década, os autores Crespo e Caregnato (2006), em pesquisa sobre o comportamento de busca de informações com pesquisadores da área de Biologia, identificaram o aumento do uso da internet como um formato muito procurado pelos pesquisadores na sua busca. Dessa forma, os dados mostram que atualmente esse comportamento de busca se mantém, ou seja, primeiramente a pesquisa é realizada nos formatos *on-line*. Isso se justifica devido a alguns fatores como, por exemplo, a evolução das tecnologias da informação, ao aumento dessas fontes informacionais e também ao acesso mais facilitado.

Ao serem inquiridos sobre o processo de busca, ficou destacada a forma de investigação empírica nesse momento, mesmos os participantes sendo de áreas diferentes esse aspecto ficou bem evidente no decorrer do grupo, uma vez que o mesmo discurso foi feito por diferentes entrevistados.

Essa característica empírica do processo de busca consta nos estágios em que o indivíduo realiza suas pesquisas. O processo, amplamente estudado por Kuhlthau (2004 apud PIRES, 2012), compreende as seguintes etapas: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleção e apresentação. Esses estágios estão ligados ao processo cognitivo e afetivo do indivíduo e, por isso, não é um processo sistemático e ordenado.

A interação entre os indivíduos foi outra característica que destacamos na aplicação do grupo de foco, pois é a que também orienta e, muitas vezes, determina o comportamento informacional do indivíduo. Essa característica pode ser comprovada com base nas afirmações a seguir:

*P2 - Quando começo a trabalhar com um aluno de IC, ou Mestrado, ou para um artigo, ou Profop, enfim, eu sento com ele e apresento isso, como é que faz e os locais que devem fazer buscas [...].*

*P3 - [...] se sei que tem um grupo forte da história da matemática, sei do grupo lá de [Natal], eu indico também e já mando fazer a busca lá mesmo, de alguns temas eu sei que é na Unicamp então mando [...].*

Nesse contexto, podemos ressaltar que o comportamento informacional é resultado das interações entre os indivíduos, essa interação entre o docente e seu orientando, seu aluno, outros docentes e seus pares na pesquisa científica determina e/ou orienta a forma de busca, uso e os diversos contextos nos quais eles interagem (TODD, 2003). Assim, as falas em destaque nos direcionam a validar a afirmação de Todd (2003). As respostas de P2 e P3 mostram a interação em que o docente ensina o seu aluno a pesquisar, e essa interação vai orientar a forma que esse aluno vai se comportar mesmo quando realizar as suas pesquisas sozinho. Destaca-se também a confiança no suporte onde está localizada a informação que procuram. Assim, com base na análise dos dados, percebe-se que o suporte é visto pelos docentes como um requisito importante nesse processo.

Dessa forma, infere-se que o fato dos docentes “confiarem” que há uma validação daquela informação, seja por um conselho científico, seja por um grupo de pesquisa ou até mesmo o próprio nome da instituição, gera uma confiança para o uso e também para indicar a sua utilização. Nesse mesmo contexto, Wilson (1999, p. 10) ressalta que essa é a teoria da recompensa que “[...] pode ajudar a explicar quais as fontes de informação podem ser usadas mais do que outras por um determinado indivíduo”.

Dando continuidade à análise dos dados, o objetivo seguinte foi examinar a receptividade dos docentes em relação ao uso dos recursos informacionais eletrônicos, em especial, os repositórios digitais.

Na tentativa de dar um significado para o termo Recursos Informacionais, o participante P1 usou o termo ferramenta, em seguida, os outros concordaram que seria uma ferramenta e/ou maneira para obter uma informação desejada. O participante P4 tentou explicar da seguinte forma: “[...] esse termo **nunca utilizei** como termo, mas eu imagino que é todo **tipo de conversão por meio eletrônico de uma, de algo que aconteceu no âmbito da pesquisa.**”.

A definição para o termo Recursos Informacionais do ponto de vista dos participantes vai ao encontro da definição feita por Targino (2007, p. 19), na qual a autora defende que são “como fontes capazes de suprir as demandas de informação dos indivíduos”. Nesse contexto, pode-se inferir que os recursos informacionais são utilizados no processo de busca por informações em diferentes contextos, uma vez que nos remetem ao ato de preencher, suprir e completar algo, o que corrobora com o participante P5 que também destacou o uso dessa “ferramenta” para a busca de informação.

Nessa mesma linha, no decorrer do grupo de foco, percebeu-se que os participantes, ao mesmo tempo em que falavam sobre recursos de informação, falavam também sobre os tipos de recursos. Assim, ao tentarem definir uma tipologia para os recursos informacionais, foi destacado entre eles os recursos com os quais os mesmos já têm uma familiaridade, tais como Google ou banco de teses.

É preciso ressaltar, ainda, que a utilização da internet passou a influenciar de forma direta o comportamento de busca e uso da informação (BORBA; COSTA; MARTINS, 2006). Isso porque as tipologias de recursos informacionais destacadas pelos participantes são caracterizadas pela transformação que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) trouxeram para o ambiente da pesquisa, com acesso fácil e rápido a uma diversidade de informações.

No contexto da tipologia de recursos, foram destacados alguns atributos que são necessários para o uso desses recursos, como, por exemplo, “credibilidade”, recorrente nas falas dos participantes, portanto, concluímos que seria necessário entender o significado para eles deste termo.

Em um primeiro momento, com base na análise, percebeu-se que o fator credibilidade está relacionado ao fato da fonte ter Qualis alto ou se o documento está na base de dados de uma instituição reconhecida. Entretanto, outros fatores mencionados fornecem confiabilidade à fonte, como, por exemplo, parecer por pares e palestra de um autor de renome.

Isso nos leva a inferir que a credibilidade, para além de estar associada a instituições reconhecidas e ao Qualis atribuído, está relacionada aos autores do documento ou mesmo pessoas que citam o documento, ou seja, pessoas reconhecidas em uma área de conhecimento.

Em síntese, pode-se dizer que os fatores que atribuem credibilidade a um recurso informacional são: a instituição que elabora ou disponibiliza o documento, a fonte, os pareceristas, o Qualis que lhe é atribuído, e as pessoas reconhecidas na área que citam a fonte em suas palestras ou publicações.

Dando seguimento à análise dos dados, abordamos os participantes com o objetivo de saber em que momento eles conheceram ou ouviram falar sobre os Repositórios Digitais Institucionais. Ficou evidente que as atribuições como coordenadores e vice-coordenadores de pós-graduação *Stricto Sensu* os levaram a conhecê-los, mesmo que de maneira superficial.

Infere-se que se não houvesse a obrigatoriedade de depositar as dissertações e teses dos programas em repositórios, tanto da instituição como dos órgãos de fomento, talvez eles não tivessem a preocupação de conhecer o Repositório Institucional (RI).

Percebe-se, ainda, que faltam mecanismos com o objetivo de informar e motivar o efetivo uso dos RI. Os autores Rosa e Gomes (2010) observam que é importante conhecer e caracterizar os usuários do RI, pois são constituídos com perfis e objetivos de utilização distintos, e somente conhecendo esse público poderemos traçar um plano para aumentar o conhecimento sobre o RI.

Os participantes acreditam que algumas funcionalidades e serviços seriam importantes para o repositório disponibilizar a fim de incentivar o seu uso, tais como funcionalidade, objetividade e garantia de acesso. Para Fadel e colaboradores (2010), o comportamento informacional do indivíduo é influenciado por diversos fatores como a sua facilidade e disponibilidade ao usar um recurso ou suporte de informação, comportamento apropriado desse suporte e, até mesmo, seus ideais para com ele.

Percebe-se, por meio das falas dos participantes, a necessidade do site do RI ser funcional e objetivo, mesmo que os participantes não o utilizem com muita frequência. Notou-se que a experiência negativa que tiveram ao utilizar o site da instituição, apontando muitas dificuldades e falhas nesse uso, fez com que transferissem para o Repositório essa experiência, conferindo-lhe também uma avaliação negativa.

Outra característica mencionada foi a de que o repositório é um depósito. Os participantes ressaltam que é importante ter um local para guardar o material produzido na instituição, mas infelizmente entendem que o uso se limita a isso. Nesse sentido, para Marcondes e Sayão (2009), esse é um dos papéis do repositório que, além de garantir a guarda, também preserva a produção científica da instituição por um longo prazo.

Já no que tange à política de uso e gerenciamento de um repositório, a palavra burocracia acabou sendo recorrente entre os participantes, juntamente com a palavra validação, reforçando a ideia de que o depósito das produções dos docentes no RI, no entendimento dos participantes, atende a critérios burocráticos para submissão, tais como: entregar termos autorizando a publicação em papel com a assinatura de próprio punho, entregar cópias das produções salvas em CD e assim por diante. Nesse sentido, os participantes ressaltam que o processo de depósito de suas produções não passa por uma análise qualitativa do documento, dando a impressão que é somente para atender critérios estabelecidos pela instituição.

Ao serem estimulados a explanarem sobre Acesso Livre à Informação Científica, ficou evidente que os docentes têm conhecimento sobre o tema. Os participantes descreveram com segurança o significado de acesso livre, entretanto, ao mesmo tempo, desconhecem o Movimento de Acesso Livre à Informação Científica. Assim, destaca-se que o termo “Acesso Livre à Informação Científica” é de conhecimento de todos, mas há um desconhecimento do surgimento do Movimento. Os participantes entendem o referido Movimento como uma evolução natural, impulsionada pelo advento das TIC, e não como uma proposta criada a partir de um grupo para solucionar as barreiras de acesso à informação, buscando discutir alternativas para garantir a acessibilidade às publicações científicas, levando para a comunidade acadêmica o direito e a responsabilidade de organizar, promover acesso e disseminar a própria produção (WEITZEL; FERREIRA, 2010).

Para os participantes, ficou destacada a necessidade de envolvimento dos pesquisadores e das instituições no movimento do Acesso Livre, a fim de fundamentar o Acesso Livre e o uso do Repositório.

Pode-se inferir que o acesso à informação, seja ela gerada em órgãos públicos ou privados, tem sido uma grande preocupação desta década e, por isso, nas falas dos pesquisados há uma necessidade de o pesquisador buscar “derrubar” as barreiras que impedem esse acesso. Porém, também observam que esse papel é da instituição, não só na disponibilização, mas também dando suporte técnico e físico para isso, por meio da oferta de segurança para a utilização da informação ali contida.

Por um lado, o que se percebe é que os benefícios que o Acesso Livre trouxe para a comunidade científica é uma via de mão dupla, em que o excesso de informação é uma interminável fonte de consulta, busca e uso, e, por outro lado, acaba tornando-se um ambiente de angústia e crescimento desordenado.

Nessa mesma linha, Wurman (2005), em seu livro “Ansiedade da Informação 2”, aborda a explosão de acesso à informação em que há um lado bom e um lado ruim. A informação está enraizada em nós, a partir do momento em que temos acesso a ela o tempo todo, querendo ou não, e está muito mais acessível e absorvente do que antes, fazendo com que cada pessoa crie e use a informação na mesma intensidade. A facilidade de acesso a todo tipo de informação se destaca como algo positivo para o indivíduo, porém não saber lidar com essa quantidade de

informação produzida e distinguir o que realmente será útil ou não traz para si um aspecto negativo.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca por uma informação é feita diariamente e o formato ainda mais procurado é o on-line. Atualmente, podemos identificar com base nos dados que o comportamento de busca tem se caracterizado pelo ímpeto inicial da pesquisa nos formatos on-line, devido ao aumento dessas fontes e também ao acesso mais facilitado.

Assim, infere-se que um requisito importante nesse processo para os participantes é o respaldo legal e institucional que legitima a informação. Pois, para os pesquisados, saber ou acreditar que há uma validação daquela informação, seja por um conselho científico, grupo de pesquisa ou, até mesmo, o nome da instituição, gera uma confiança para uso e também para indicar a utilização do recurso.

Como atributos necessários para o uso desses recursos, os destacados foram ser rápidos, de manuseio fácil e ter credibilidade, isso mostra uma preocupação em relação à fonte, ou seja, onde é organizada a informação, por quem, com que objetivos e como é divulgada a pesquisa no meio científico.

Ressalta-se que a credibilidade está associada ao nome, e também há uma unanimidade, como uma instituição que tenha um nome consolidado entre os pesquisadores, um pesquisador de renome na área ou algo previamente avaliado por seus pares.

É importante ressaltar que os serviços e funcionalidades dos repositórios mais destacados foram: funcionalidade, objetividade e garantir o acesso, ser funcional e objetivo. Mesmo que os participantes não o usem com muita frequência, eles se utilizaram da experiência ao acessar o site da UTFPR, mas como apontaram muitas dificuldades e falhas nesse uso, transferiram para o Repositório Digital essa experiência negativa.

A característica mais indicada foi a de que o repositório é um depósito. Para eles, é importante ter um local para guardar o material produzido na instituição, mas entendem que é só esse o seu uso e que é necessário a Preservação das Produções Acadêmicas, pois o RI garante a guarda e também preserva a produção científica da instituição por um longo prazo.

Acesso Livre à Informação Científica é um termo conhecido por eles. Os participantes descreveram com segurança o significado, mas há um desconhecimento do surgimento do Movimento de Acesso Aberto, o qual participantes entendem como uma evolução natural com o advento das TIC e não como uma proposta criada a partir de um grupo para solucionar as barreiras de acesso à informação, buscando discutir alternativas para garantir a acessibilidade às publicações científicas.

Há a necessidade de o pesquisador derrubar as barreiras que impedem o acesso às produções e também é papel da instituição não só disponibilizar essas produções como dar suporte técnico e físico, no caso dos RI, possibilitando, assim, uma segurança para utilização e uso da informação ali contida.

## REFERÊNCIAS

- BORBA, M. S. A.; COSTA, G. C. N.; MARTINS, R. A. C. O Periódico Científico On-Line. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos** [...]. Salvador: SNBU, 2006. Disponível em: [https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais\\_anterior/xivsnbu/pdf/244.pdf](https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais_anterior/xivsnbu/pdf/244.pdf). Acesso em: 25 jul. 2016.
- BRASCHER, M. Prefácio. *In*: GIANNASI-KAIMEN, M. J.; CARELLI, A. E. (org.). **Recursos informacionais para compartilhamento da informação: redesenhando acesso, disponibilidade e uso**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007. p. 9-13.
- BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE. **Dez anos da Iniciativa de Budapeste em Acesso Aberto: a abertura como caminho a seguir**. 2001. Disponível em: <http://www.budapestopenaccessinitiative.org/boai-10-translations/portuguese-brazilian-translation>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- BUSTOS-GONZALEZ, A.; FERNANDEZ-PORCEL, A.; JOHNSON, I. M. (org.). **Diretrizes para a criação dos repositórios institucionais nas universidades e organizações de educação superior**. [S. l.]: Rede Alfa Biblioteca Babel, 2007. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/13512/3/Diretrizes\\_RI\\_portugues.pdf](http://eprints.rclis.org/13512/3/Diretrizes_RI_portugues.pdf). Acesso em: 19 dez. 2016.
- CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: SENAC, 2003.
- CRESPO, I. M.; CAREGNATO, S. E. Padrões de comportamento de busca e uso de informação por pesquisadores de biologia molecular e biotecnologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 30-38, set./dez. 2006.

DAVENPORT, T. H. Cultura e comportamento em relação à informação. *In*: DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998. p. 108-139.

DHOLAKIA, N.; MUNDORF, N.; DHOLAKIA, R. R. Novos serviços de informação e comunicação: um quadro de referência estratégico. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 3, set. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651997000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000300002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 jul. 2016.

DUARTE, E. J. *et al.* Os serviços e os produtos de informação oferecidos pela biblioteca pública de Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 606-620, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1100>. Acesso em: 13 jul. 2016.

FADEL, B. *et al.* Gestão, mediação e uso da informação. *In*: VALENTIM, M. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 13-31.

FIGUEIREDO, N. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: Ibict, 1994.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, p. 21-32, 2010.

HJORLAND, B. **Information seeking and subject representation**: An activity-theoretical approach to information Science. London: Greenwood Press, 1997.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. esp., p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1458/1432>. Acesso em: 10 jul. 2016.

LEITE, F. C. L. *et al.* **Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica**. Brasília: Ibict, 2012.

LEITE, F. C. L. **Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira**: repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília: Ibict, 2009.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In*: ALVARES, L. **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 21-48.

MALHEIRO, A.; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Nectar, 2011.

MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. À guisa de introdução: repositórios institucionais e livre acesso. *In*: SAYÃO, L. F. *et al.* (org.). **Implantação e gestão de repositórios institucionais**: políticas, memória, livre acesso e preservação. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 9-22.

PIRES, E. A. N. comportamento informacional e processo de busca da informação: bases fundamentais para pesquisa científica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 288-307, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/845>. Acesso em: 19 dez. 2016.

RODRIGUES, M. E. F.; LIMA, M. H. T. F.; GARCIA, M. J. O. A normalização no contexto da comunicação científica. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewarticle.php?id=205&layout=abstract>. Acesso em: 7 maio 2016.

ROSA, F.; GOMES, M. J. Dos promotores aos utilizadores: estudos sobre o RepositóriUM. In: ROSA, F.; GOMES, M. J. **Repositórios Institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 153-203.

SAYÃO, L. F.; MARCONDES, C. H. Software livres para repositórios institucionais: alguns subsídios para a seleção. In: SAYÃO, L. F. *et al.* (org.). **Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 23-54.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./ jun. 1996. Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Saracevic1996.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

TODD, R. J. Adolescents of the information age: patterns of information seeking and use, and implications for information professionals. **School Libraries Worldwide**, v. 9, n. 2, p. 27-46, 2003.

TORINO, L. P. **Organização da produção científica em repositórios institucionais: um parâmetro para a UTFPR**. 2010. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/77>. Acesso em: 19 out. 2016.

VALENTIM, M. L. P. Análise de Conteúdo. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 119-134.

VIANA, C. L. M.; MARDÉRO ARELLANO, M. A.; SHINTAKU, M. Repositórios institucionais em ciência e tecnologia: uma experiência de customização do DSPACE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS, 13., 2004, Natal. **Anais Eletrônicos** [...]. Natal: SNBU, 2004. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/7168/1/viana358.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

VICENTINI, L. A. Gestão em bibliotecas digitais. In: MARCONDES, C. H. *et al.* (org.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. 2. ed. Salvador: UFBA; Brasília, DF: IBICT, 2006. p. 239-257.

WEITZEL, S. R.; FERREIRA, S. M. S. P. Percepção sobre o acesso e visibilidade dos repositórios digitais e das revistas eletrônicas. *In*: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. G. (org.). **Acessibilidade e visibilidade de revistas científicas eletrônicas**. São Paulo: Senac, 2010. p. 119-172.

WILSON, T. D. Models in information behaviour research. **Journal of Documentation**, London, v. 55, n. 4, p. 249-270, June 1999.

WILSON, T. D. On user studies and information need's. **Journal of Documentation**, London, v. 37, n. 1, p. 3-15, mar. 1981. Disponível em:  
<http://www.informationr.net/tdw/publ/papers/1981infoneeds.html>. Acesso em: 12 jul. 2016.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de Informação 2**: um guia para quem comunica e dá instruções. São Paulo: Cultura, 2005.